

Lu Mingfei não desceu do carro. Permaneceu sentado, observando tudo em silêncio. Chu Zihang olhou para trás, de relance, e viu que o rosto de Lu Mingfei não expressava alegria nem tristeza. — Por que ele não parece surpreso? — pensou Chu Zihang. — É como se já soubesse que isso aconteceria. A ideia pareceu absurda, mas ele não teve tempo de refletir. Agora estava ao lado do homem, ambos iluminados pelos faróis brilhantes. O homem puxou a espada longa do guarda-chuva e estendeu a mão para segurar a de Chu Zihang. — Não tenha medo... Eu também fiquei assustado quando vi pela primeira vez... Mas medo não adianta nada — disse o homem, apertando suavemente a mão de Chu Zihang. — Eu não queria que você visse isso, mas já que está aqui, não perca a chance. Mantenha os olhos abertos. Chu Zihang sabia que já tinha visto essa cena inúmeras vezes. Nos sonhos, ou nas meia hora de recordações antes de dormir — seu ritual diário. A chuva caía sem parar, cercada pela escuridão infinita. Sob seus pés, a estrada elevada se estendia, e ao redor, cortinas de água transparentes pareciam concentrar toda a chuva do mundo, sem espaço entre os fios de água. — Você é apenas um motorista? — a voz grave de [Odin] ecoou na chuva. — Sim, eu sou só... um motorista — respondeu o homem, segurando a espada com uma mão e acariciando a cabeça de Chu Zihang com a outra. — Interessante. Aquele que ousa desafiar o trono dos deuses é apenas um motorista. — Então, humano! Preste homenagem! — ordenou [Odin]. — Homenagem? Que merda você acha que é? — alguém respondeu. A voz não era alta, mas chegou clara aos ouvidos de Chu Zihang. Ele teve certeza de que [Odin] também ouvira. A pessoa chutou a porta do carro, desceu e caminhou lentamente em direção a [Odin]. — Pra ser sincero, eu sempre tive curiosidade... você, um mero sortudo que conseguiu... — a voz parou abruptamente, como se tivesse lembrado de algo. — Deixa pra lá. — Só saiba que você não tem a coragem — nem o direito — de se chamar de [deus] na minha frente. — Impossível! Você não deveria estar aqui! — [Odin] gritou, o rosto antes imponente agora tomado pelo pânico. Chu Zihang sentiu uma pontada de satisfação. — Por que eu não poderia estar? — Lu Mingfei encolheu os ombros. — Mexer com quem está do meu lado tem um preço. — Olha, shixiong, eu não posso mudar o que já aconteceu — ele disse, chegando mais perto e batendo no ombro de Chu Zihang. — Mas, nesse sonho, posso pelo menos matar esse lixo pra você descontar a raiva. Sonho? O que ele quer dizer? Chu Zihang tentou falar, mas seu corpo não respondia. Ele só conseguia assistir enquanto Lu Mingfei avançava em direção ao tal [deus]. — Você é só uma projeção aqui... — Lu Mingfei esticou o pescoço, soltando os músculos. — Mas, se eu te matar, seu verdadeiro eu também vai sentir, né? Foi então que ele notou os fios negros, como serpentes, rastejando pelo corpo de [Odin]. — Você se meteu com aquela coisa? — Lu Mingfei pareceu surpreso. — Já tenho dor de cabeça com um velho sorrateiro que nunca aparece, e agora você se junta a esse lixo? — Mas tudo bem. Matar você deve dar um prejuízo pra ele também. Lu Mingfei estalou os dedos. — Para mostrar o devido respeito ao chefe final... — [Algo por Nada], fusão a 100%... — Amplificação cem vezes. Ele deu a ordem ao mundo. Lu Mingfei respirou fundo, como se quisesse sugar todo o ar do planeta. Seus olhos dourados brilhavam cada vez mais, como faróis inapagáveis na tempestade. Seu peito subia e descia violentamente, como um fole sob calor extremo, tremendo cada vez mais forte — como se a maior das criaturas estivesse rompendo seu selo, retornando ao mundo com força imparável. Chu Zihang viu o corpo de Lu Mingfei se deformar, espinhos afiados brotando sob a pele, escamas negras se encaixando com sons metálicos. Quando as asas negras se abriram, a chuva parou de cair — e começou a subir. — Vou te mostrar, seu lixo... o que é verdadeiro poder divino — Lu Mingfei sorriu friamente. [Odin] rugiu, cavalgando [Sleipnir] em direção a ele, erguendo [Gungnir]. Em um instante, lançou incontáveis golpes — a lendária lança que nunca errava o alvo, cada ataque traçando linhas douradas no ar, como uma chuva de meteoros. — Não envergonhe a minha vista com essa imitação — Lu Mingfei bocejou, estendendo a mão. As linhas douradas pararam no ar e, então, foram sugadas para sua palma. — Além do que, mesmo se você tivesse a verdadeira, não conseguiria controlá-la. Ela não pertence a você. Ele esmagou as linhas entre os dedos, e Chu Zihang viu [Gungnir] se despedaçar nas mãos de [Odin]. [Odin], indignado, fez [Sleipnir] avançar como um cavaleiro em carga, brandindo uma espada pesada que cortava o ar com um som grave. Mas [Sleipnir] não conseguiu avançar nem mais um centímetro. Lu Mingfei colocou a mão no peito do cavalo e, com um chute violento, o arremessou para longe —

junto com [Odin]. O cavalo divino gritou, rolando no chão. Lu Mingfei observou, sem piedade, enquanto sangue escorria de suas garras. Ele não apenas chutara [Sleipnir] — arrancara seu coração. Um coração enorme, coberto de escamas, pulsando em sua mão. Ele o esmagou com um sorriso cruel. — A sensação é tão boa quanto eu lembrava, sua besta. E então, partiu para cima de [Odin]. Chu Zihang teve um clarão diante dos olhos. A última cena que conseguiu enxergar foi Lu Mingfei, com uma facilidade desconcertante, arrancando a cabeça colossal de "Odin" como se colhesse um fruto maduro..... Chu Zihang sentou-se abruptamente na cama, banhado pela luz da lua que entrava suavemente pela janela. Ele tocou suas costas encharcadas de suor frio antes de deitar-se novamente, devagar. Aquele sonho... o que foi aquilo? Era outra vez aquela noite chuvosa, "Odin", o pai, a estranha atitude de Liu Miaomiao e... Lu Mingfei? Ele não conseguia entender por que Lu Mingfei aparecera em seu sonho, assumindo uma forma tão assustadora. Mas o sonho tinha sido anormalmente real, deixando uma sensação de inquietação que se recusava a desaparecer. Era madrugada de 12 de julho de 2010. Lá fora chovia, enquanto o mundo assistia à final da Copa do Mundo na África do Sul. As pessoas se aglomeravam diante das televisões, alegres, com cervejas na mão e olhos arregalados de empolgação. No quarto ao lado, ouviu-se os gritos animados de sua mãe e da melhor amiga dela — provavelmente um gol. Elas já haviam acabado com uma caixa de cervejas e, continuando naquele ritmo, em breve estariam dançando embriagadas no jardim, vestindo apenas camisolas de seda decotadas. Mas não importava. Deixasse-as se divertir. Um pouco de loucura de vez em quando fazia bem, principalmente numa noite como aquela, nem quente nem fria. Além disso, sua mãe já tinha tomado o leite antes de dormir. Chu Zihang permanecia deitado na cama, sob a penumbra, sentindo a brisa noturna úmida e fresca. Ele fitava o lustre de porcelana no teto, os olhos bem abertos. Havia anos que, todas as noites antes de dormir, Chu Zihang revisava mentalmente cada detalhe daquele dia, certificando-se de não ter esquecido nada. Aprendera com o professor Fu Shan Yashi, em sua aula de "Introdução à Neurociência", que a memória humana é falha como um disco rígido velho, sujeito a se corromper com o tempo. Aos poucos, ele começara a esquecer fragmentos daquela noite, depois cada vez mais... As imagens estavam se tornando como fotografias antigas, amareladas e descascando, e junto com elas, o rosto daquele homem se esvaía. Mas ele se recusava a esquecer. Porque, neste mundo, só ele ainda se lembrava daquele homem. Se também esquecesse, seria como se ele nunca tivesse existido. E havia também a garota. Garota? A palavra surgiu sem aviso em sua mente, embora Chu Zihang nunca tivesse se aproximado de nenhuma garota. — Pai, está chovendo outra vez — murmurou ele, baixinho. O som da chuva batendo na janela ecoou pela sala enquanto ele fechava lentamente os olhos e adormecia. ---

Capítulo 55 - Primeiro Ato: O Bolo de Aniversário é a Lápide da Juventude 17 de julho de 2010, uma manhã de sol abrasador. O calor era sufocante, e desde o amanhecer as cigarras cantavam sem parar. Vestindo apenas uma regata, shorts e chinelos, Lu Mingfei sentava-se diante do notebook, cantarolando: — Feliz aniversário pra você, ohhh Ricardo... Feliz aniversário pra você, ohhh Ricardo... Enquanto batia num mosquito e coçava a cabeça despenteada, ele digitou no navegador o endereço: [www.i-cassell-you.com](http://www.i-cassell-you.com). Hoje era seu aniversário, e sua shijie (irmã mais velha) parecia ter ficado de tocaia. Assim que o relógio marcou meia-noite, ele recebeu dela uma mensagem de parabéns — a mesma música de aniversário personalizada que ela sempre cantava. Através de quilômetros de distância, sua voz engraçada e brincalhona chegou aos ouvidos de Lu Mingfei. Ele conseguia imaginá-la gravando a música, toda animada, esperando que ele desse risada ao ouvir. Ela usaria fones de ouvido, com seus cabelos vermelhos balançando ao vento enquanto inventava uma letra maluca para a canção. Na noite anterior, durante um de seus intermináveis telefonemas, Nono prometera um presente surpresa. — É grande — ela avisara. — Esteja preparado. Todos os dias eles conversavam ao telefone. Nono contava histórias de suas viagens pelo mundo: os lugares que visitara, as pessoas que conhecera. Lu Mingfei, por sua vez, reclamava sem parar das desgraças que lhe aconteciam, como sempre. E a cada piada, ela ria, o som ficando distorcido pela linha. Nono tinha viajado com Su Qian nas férias de verão. Ao se despedir, dissera a Lu Mingfei: — Você é meu namorado, sim, mas isso não me impede de sair por aí me divertindo. E partira, deixando para trás apenas sua silhueta despreocupada. Lu Mingfei suspirou, pensando que ela continuava a mesma —

independente, irredutível, indomável como um pássaro em voo. Mesmo assim, sentia uma pontinha de decepção: gostaria que ela estivesse ali para celebrar seu aniversário. Mas ele não podia reclamar. Ela cumprira o prometido — a música, o presente (embora ainda não chegara). Era suficiente. Voltando à realidade, Lu Mingfei acessou o site habitual da Cassell. Assim que a página carregou, a abertura de *Sonho de Uma Noite de Verão*, de Mendelssohn, começou a tocar. A tela exibia uma imagem digitalizada que lembrava um campo francês, acompanhada de um slogan de marketing imobiliário tão piegas quanto genérico: "Bem-vindo à Cassell Château d'Été — um vinhedo de estilo francês nos arredores de Chicago, a apenas 120 milhas do Lago Michigan. Realize o sonho da sua casa com vista para a água! Reservas abertas!" Abaixo, duas opções: "Acesso Restrito" e "Visitante". Lu Mingfei clicou no primeiro e digitou seu login: Ricardo.M.Lu. Em seguida, pegou um cartão de segurança e preencheu os 12 códigos de verificação solicitados. Ao pressionar Enter, a música parou abruptamente, substituída por uma interface minimalista com um tom verde-escuro. Botões compactos, menus técnicos, um visual rigoroso. No canto superior esquerdo do navegador, lia-se o nome da página: "Formulário de Atividades de Férias — Academia Cassell". Ele abriu uma gaveta, pegou um caderninho todo amassado e seguiu o passo a passo que Finrir lhe ensinara, marcando e preenchendo cada campo do formulário. Segundo o próprio desenvolvedor, o deus dos computadores Fingel: — Ei, meu jovem, você tem noção de como esse sistema é incrível? Tão incrível que eu posso ficar deitado na minha cama do dormitório 304, mexer os dedos e controlar remotamente a temperatura do forno da cozinha central da Academia Kassel! Por isso, ele sempre usava o sistema para dar um "toque especial" nos pratos que pedia. Mas o Lu Mingfei, mesmo depois de duas vidas, ainda não tinha conseguido dominar essa tecnologia. Toda vez que fazia o check-in, era como se estivesse tentando comer um banquete francês usando um manual de etiqueta ocidental — trocando os talheres sem saber direito qual usar. [Detectado dragão desconhecido?] As opções eram: "Dragão puro despertado", "Dragão híbrido despertado", "Dragão puro não despertado", "Dragão híbrido não despertado" e "Nenhum". Lu Mingfei marcou "Nenhum". Num dia claro e ensolarado desses, que dragão ia ficar por aí correndo? Ah, é, exceto aquela caloura que logo estaria chegando de Pequim... [Usou algum poder de dragão hoje?] Ele marcou "Nenhum" de novo, pensando consigo mesmo: Talvez eu use mais tarde, mas não vou contar pra vocês. [Condição física anormal?] ... "Não, não, não, não, não!" O mouse de Lu Mingfei deslizava rápido pela tela. Era o primeiro verão dele na universidade, e ele estava apenas cumprindo sua rotina diária. A tal "rotina diária" era uma regra da Academia Kassel: durante as férias, os alunos precisavam relatar online sua situação diária à sede na América do Norte. Tudo era arquivado pela academia, e um bom histórico fora do campus aumentava a média. E mentir? Absolutamente proibido. Falsificar o relatório diário era considerado tão grave quanto colar numa prova. Sob as "regras humanizadas" de Kassel, trapacear não levava à expulsão — só a um rebaixamento de classe. E ser rebaixado tornava a vida no campus tão miserável quanto a de um animal. Tipo aquele veterano inútil que todo mundo conhecia... — "Apertado por fora, frouxo por dentro" — era como o diretor Angre descrevia as regras. Já Fingel tinha outra opinião: — Que filho da mãe foi o imbecil que criou essas regras? Ele era do interior da Alemanha, onde a internet era ruim. Dizem que ele tinha que cavalgar até a cidade só pra acessar uma lan house e fazer seu relatório diário.

<http://portnovel.com/book/21/3513>